

Exportar mais, só a médio prazo

VIVIAN OSWALD*

BRASÍLIA – As perspectivas para o comércio exterior brasileiro não são nada animadoras. Governo e empresários já começaram a refazer as suas contas para o saldo da balança comercial este ano. Especialistas do setor acreditam que mesmo com a desvalorização do real não haverá uma resposta automática do lado das vendas externas, e haverá ainda um aumento nos processos de defesa comercial contra o país. Isso porque os mercados continuam retraídos. A Argentina, por exemplo, o maior comprador brasileiro de veículos, pode reduzir as suas encomendas.

As estimativas são melhores, no médio prazo, para a Europa, que pode se tornar uma grande alternativa este ano. Os produtos brasileiros ficam mais baratos pela desvalorização do real e, mais ainda, pela alta do euro frente ao dólar. Mesmo assim é importante lembrar que cerca de 50% da pauta de exportações para a União Europeia consistem em *commodities*. A região é hoje o primeiro parceiro comercial do Brasil em bloco, tendo uma participação de 28,4% na pauta de exportações até novembro do ano passado. Já os países do euro compraram cerca de 25% dos produtos brasileiros no mesmo período.

Problemas à vista – Entre os produtos com maior valor agregado estão os veículos, que são vendidos basicamente para a Argentina, que deve enfrentar vários problemas pela frente e diminuir as suas encomendas, segundo analistas. A participação argentina na pauta de exportações brasileiras ficou em 14,05% no ano passado até novembro, segundo dados da Secretaria de Comércio Exterior do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio.

No ano passado, a Argentina fechou acordo com o Fundo Monetário International (FMI) estabelecendo o déficit público em US\$ 5 bilhões para 1999. Por essa razão, além dos limites que serão impostos à economia argentina pela própria conjuntura internacional e pela situação difícil em que ficará com os problemas no Brasil, porque tem 30% de suas exportações voltadas para esse país, a Argentina terá limites técnicos para o seu resultado comercial este ano.

Mas há outro problema que pode trazer muita dor-de-cabeça para o Brasil: uma enxurrada de ações de defesa comercial contra o país, principalmente, por parte da Argentina. Os baixos preços dos produtos brasileiros, como decorrência da desvalorização cambial, podem despertar a fúria de outros países interessados em se proteger de uma avalanche de produtos dispostos a competir com os seus. O ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio, Celso Lafer, não quis comentar o assunto, mas reiterou que sua gestão dará ênfase à defesa comercial.

Mudança de rumo – De acordo com o encarregado de negócios da Embaixada da Argentina, ministro Juan Sóla, seu país deve comprar mais produtos brasileiros, podendo até mesmo substituir algumas mercadorias estrangeiras por outras brasileiras, tendo em vista que essas estão mais baratas. Por outro lado, Sóla projeta uma redução das exportações argentinas para o Brasil. Isso porque os produtos argentinos vão estar mais caros e o Brasil terá um crescimento econômico menor este ano.

Lafer afirmou na sexta-feira que a mudança na política cambial vai melhorar a competitividade das exportações brasileiras. No entanto, esse efeito ainda não deve ser observado no curto prazo. O impacto da desvalorização do real deve ser muito maior sobre as importações.

A medida só surtirá efeito sobre as exportações no médio prazo. Isso porque, embora a desvalorização venha favorecer os produtos brasileiros, que passam a ficar mais baratos no exterior, ainda é preciso aguardar o impacto dessa medida no mercado internacional, o que deve ocorrer nos próximos cinco meses. Nesse momento, os compradores de produtos brasileiros no exterior estão retraídos e algumas mercadorias têm a demanda inelástica, isto é, podem ser dispensadas pelos seus consumidores.

Já para as importações o efeito se torna mais imediato. "Comprar produtos lá fora fica mais caro e, por isso, muitas empresas importadoras, nesse momento, devem estar cancelando os seus pedidos", disse um analista do setor.

A conta de petróleo do país também deve sofrer algumas alterações para cima, o que pode ocasionar novo aumento no preço dos combustíveis, depois da desvalorização do real. O petróleo importado ficou mais caro, porque o produto é comprado em dólar. No entanto, para efeitos de balança comercial, continua tudo igual, já que as importações são contabilizadas em dólar.

Susto – A Argentina ficou surpresa e preocupada com os últimos acontecimentos que abalaram a economia brasileira. De acordo com o encarregado de negócios da Embaixada da Argentina, ministro Juan Sóla, o presidente Carlos Menem encorajou um relatório sobre a situação do Brasil à sua embaixada assim que retornou dos Estados Unidos, onde se encontrou com o presidente Bill Clinton. Na próxima quarta-feira, o secretário-geral de assuntos econômicos da chancelaria argentina, Jorge Campbell, vem ao Brasil para conversar com os ministros das Relações Exteriores, Luiz Felipe Lampreia, e da Fazenda, Pedro Malan.

Outros detalhes do que vinha acontecendo no país foram dados pelo próprio presidente Fernando Henrique Cardoso, na última quinta-feira, ao presidente da Argentina. O ministro das Relações Exteriores, Luiz Felipe Lampreia, também teve uma conversa telefônica com o chanceler argentino, Guido Di Tella.

"Estamos no mesmo barco", disse Sóla, ao explicar que as economias brasileira e argentina estão tão associadas que qualquer movimentação mais brusca feita pelo Brasil pode ter graves consequências sobre a Argentina. Ele lembrou que seu país vende cerca de 30% de seus produtos para o Brasil, que, por sua vez, exporta para a Argentina cerca de 15% de sua pauta.

Sóla acredita que os produtos brasileiros podem ficar mais atraentes para o mercado argentino, tendo em vista que estão mais baratos. Segundo ele, é possível que a Argentina venha a comprar do Brasil mercadorias que estejam mais caras no exterior. Por outro lado, Sóla também projeta uma redução das exportações argentinas para o Brasil. Isso porque alguns produtos devem ficar mais caros para os brasileiros e porque a economia do país deve sofrer um desaquecimento este ano.